

BRASILEIRAS EM PEQUIM: RECRIANDO LAÇOS E RECONSTRUINDO O SENTIMENTO DE NACIONALIDADE

Desenvolvimento de pesquisa em andamento

GT - 09 Estrutura social, dinâmica demográfica e migrações

Ana Carolina Costa Porto¹
Tereza Correia da Nóbrega Queiroz²

Resumo

As discussões sobre a migração brasileira para diversos países receptores na América e na Europa são bastante frequentes. Poucas pesquisas, porém, se debruçaram sobre a migração brasileira para a China. Por esta razão, este artigo tem como intuito analisar a reconstrução da identidade brasileira a partir das trajetórias migratórias de quatorze brasileiras para Pequim. Para tanto, realizamos entrevistas com mulheres de distintas faixas etárias, classes sociais, estilos de vida e que também apresentavam diferentes experiências de migração e com base na história de vida, pretendemos estudar as formas de sociabilidade e de associação entre os brasileiros, bem como observar que identidades brasileiras são construídas nesse contexto e como são reconstruídas.

Palavras-chave: Migração, Gênero, História de vida

1. Brasileiras em Pequim: recriando laços e reconstruindo o sentimento de nacionalidade

A possibilidade de explorar um universo completamente novo no campo dos estudos sobre a migração brasileira – quase sempre centradas em países das Américas ou da Europa – nos levou a iniciar a pesquisa sobre a comunidade brasileira em Pequim³. O nosso objetivo inicial, neste rumo, era estudar a comunidade brasileira como um todo. Ao adentrarmos no campo da pesquisa de fato, percebemos que as mulheres representam um papel muito mais significativo na construção e reconstrução da identidade brasileira, na medida em que são elas que estão à frente da principal organização representante dos brasileiros (O Brapeq, Brasileiros em Pequim), e são as responsáveis por eventos como Festival de Cinema Brasileiro de Pequim, Festival Doc. Brazil e Clube do livro Brasil-China.

Para tanto, realizamos entrevistas⁴ com quinze mulheres de distintas faixas etárias, classes sociais, estilos de vida e que também apresentavam diferentes experiências de migração. Por meio das

¹ Graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Mestre e doutoranda em Sociologia pela mesma universidade. Realizou doutorado-sanduíche no Instituto de Pesquisa da América Latina, na Chinese Academy of Social Sciences, em Pequim, na China.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, é professora associada III da Universidade Federal da Paraíba.

³ Os números mais recentes do Censo Demográfico do IBGE (2010, p. 130) apontam a presença de 2.209 brasileiros vivendo em toda a China. Os dados presentes no Registro de Matrícula de Cidadão Brasileiro da Embaixada do Brasil em Pequim, por sua vez, conta com 238 brasileiros registrados até o ano de 2012, enquanto que o levantamento da Brapeq, realizado em 2010, conta com 526 membros associados. Nenhum desses números, efetivamente, corresponde à quantidade de brasileiros vivendo na capital da China. Os próprios membros do Brapeq acreditam que há entre 1.500 e 2 mil brasileiros morando em Pequim.

⁴ Este artigo é parte da tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba. As entrevistas foram realizadas por meio de uma pesquisa-participante, durante 9 meses,

entrevistas, realizadas em cafês, restaurantes, ou na casa das entrevistadas, e das entrevistas em trânsito – que, como aponta Jolé (2005, p.4), demonstram “um interesse específico e real pelo espaço em sua forma física, sensível e imaginária” – pretendemos escrever a história de vida dessas mulheres para que possamos compreender como as diferentes trajetórias migratórias e a inserção na sociedade chinesa, as relações aí estabelecidas, influenciaram na reconstrução da identidade brasileira.

O método da história de vida, na perspectiva de Haguette (1992), implica uma relação de proximidade entre “pesquisador e pesquisado”, algo que pudemos construir ao longo de nove meses de pesquisa *in loco*. A técnica da história de vida estimula que o narrador, o sujeito entrevistado, repense e ressignifique sua história, atribuindo-lhe um sentido.

Aliado a essa perspectiva da história de vida, tomamos como referência a concepção de Hall (2005, pp.12-13) sobre a identidade como “uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” – sem nos esquecer das abordagens pós-colonialistas em torno da ideia de identidade nacional, a exemplo da perspectiva de Bhabha (1998). Com base nestas concepções, buscamos verificar por que em Pequim alguns dos estereótipos associados aos brasileiros em outros países receptores, como o da “brasileira alegre, festiva e sensual” são refutados, de tal forma que o Carnaval deixa de ser a principal festa associada ao Brasil na China, passando o Festival de Cinema Brasileiro a assumir essa posição.

1.1 O Brapeq e a comunidade brasileira

Ao nos referirmos aos brasileiros que moram em Pequim, iremos empregar, a partir de agora, o termo comunidade, por entendermos que se trata de uma categoria nativa do grupo. Embora nem todos eles considerem o conjunto dos brasileiros como uma comunidade, a maioria das entrevistadas ao se referirem ao Brapeq e aos brasileiros utilizaram esse termo.

Além disso, o próprio Brapeq, conforme consta no site da instituição, emprega o termo comunidade e diz ter, como meta principal, auxiliar os brasileiros na inserção e adaptação à cultura chinesa, funcionando como um ponto de apoio para a comunidade brasileira. Tendo na sua diretoria quatro mulheres de faixas etárias distintas – duas com cerca de 50 anos, uma com pouco mais de quarenta e outra próximo aos trinta – e contando com a colaboração ativa de seis voluntárias – que também apresentam idades distintas, embora no caso dessas a maioria esteja entre os 27 e os 35 anos – a associação tem uma dimensão da dádiva, teorizada por Mauss (1974), como esse permanente “dar, receber e retribuir”.

Mauss (1974) no “Ensaio sobre a dádiva”, como analisa Lanna (2000), escreve sobre as trocas que se estabelecem entre os indivíduos e entre as coletividades, que não se restringem aos presentes, mas também a festas, visitas, esmolas e, inclusive, tributos. Ora, o Brapeq apresenta bem esse sentido de dádiva⁵ – embora não seja percebido como tal por todos os brasileiros – na medida em que as relações que se tecem em torno dele, incluindo os empregos que são conseguidos, as ajudas de várias ordens que são dadas, obedecem a essa dimensão da troca de “presentes” ou de ajudas.

na China, com financiamento do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, do Ministério da Educação Brasileiro.

⁵ Há que se levar em consideração que essa “dádiva” entendida aqui se aproxima de duas outras características, uma da cultura brasileira e outra da cultura chinesa. No caso da brasileira, podemos pensar na ideia da cordialidade, ou do homem cordial, conceituado por Sérgio Buarque de Holanda (1995). As relações desenvolvidas em torno do Brapeq se estruturam muito em função das relações pessoais e afetivas. Da mesma forma, a ideia de guanxi, da sociedade chinesa, ou dessas redes de interfaces baseadas na honra, também se estrutura com base em relações pessoais. Embora no caso dessa última, e como pude observar *in loco*, há uma preocupação em não parecer que um “presente está sendo retribuído” – aliás, isso soa bem “mal-educado” do ponto de vista dos chineses – o que não significa dizer que a dádiva doada já não guarde em si, como apontou Mauss (1974), a retribuição que virá, seja ela declarada ou não.

É importante reforçar aqui, como apontou Sabourin (2008, p.133), que o sentido de dádiva em Mauss não se circunscreve à troca de “bens, mas antes de amabilidades, ritos”, mostrando o quanto essa noção está relacionada com a ideia de honra e nobreza. Esta perspectiva se aproxima bem das trocas estabelecidas no seio do grupo, dado que a ajuda, a gentileza e o próprio rito – quando consideramos desde os almoços regados à comida brasileira, até as festas como o São João – estão muito mais presentes no universo do Brapeq. Aliás, o intuito principal dele parece ser justamente ajudar “aquele que é meu igual”, por fazer parte da mesma “comunidade imaginada” chamada nação, para usar o conceito de Anderson (1993).

Talvez por isso, inclusive, as integrantes do Brapeq façam questão de deixar claro que a organização permanece não tendo objetivos lucrativos e sendo mantida com a ajuda das integrantes e das voluntárias. As verbas arrecadadas por meio da venda de ingressos para passeios, jantares e sessões de filme, e o dinheiro doado pelos patrocinadores, é o que permite a realização dos eventos. É por isso, aliás, que, segundo as representantes da Brapeq, os homens não fazem parte da diretoria. Uma delas disse que já haviam tentado colocar um homem para trabalhar junto à instituição, mas como ele queria transformar a organização numa empresa lucrativa, elas acharam por bem desligá-lo do Brapeq.

A instituição – certamente, a mais importante da comunidade brasileira – surgiu há mais de cinco anos, tendo como intuito facilitar a integração sobretudo das mulheres que vinham acompanhar seus maridos e encontravam dificuldades de comunicação e um isolamento social muito grande.

Como bem relatou uma das integrantes da Brapeq, muitas dessas mulheres tinham uma vida ativa no Brasil, se viravam por conta própria e quando tomam a decisão de acompanhar seus maridos, deixam o emprego no Brasil e passam a viver em Pequim numa condição de completa dependência.

A primeira forma de dependência apontada foi a financeira. Muitas delas iam para a China sem falar absolutamente nada de mandarim e sem dominar o inglês, o que inviabilizava a busca por um emprego e o estabelecimento de amizades. Em segundo, a dificuldade com a língua que redundava na dependência de uma intérprete – para aquelas que poderiam pagar por uma – que traduzisse o mundo a sua volta.

Uma das integrantes do Brapeq lembra que, no primeiro almoço, uma brasileira teve uma crise de choro muito grande por se sentir novamente viva do ponto de vista social e por poder compartilhar problemas que só elas entendiam, vez que elas compartilham narrativas semelhantes dessa comunidade imaginada (Anderson, 1993) chamada nação brasileira.

A partir daí, foi criada uma rede de ajuda, em torno do Brapeq, com o objetivo de facilitar o dia-a-dia dessas mulheres. As que dominavam melhor o inglês ou até o chinês se colocavam à disposição para ajudar em questões do universo doméstico, tais como escola para os filhos, ida ao médico ou mesmo ajudavam a encontrar um emprego para aquelas que buscavam uma inserção no mercado de trabalho.

As que sabiam cozinhar bem se tornavam uma espécie de “chef oficial” da comunidade brasileira e faziam os pratos relacionados à identidade brasileira, como feijoada, pão de queijo e coxinha⁶, tanto para os jantares do grupo, quanto para eventos menores.

Hoje, o Brapeq conta com um calendário intenso de eventos que vai de janeiro a dezembro, no qual são realizados almoços, happy hours, caminhadas mensais, sem contar com as projeções de filmes brasileiros. Além desses eventos periódicos, são realizados o São João, no mês de junho, o Festival de Cinema Brasileiro, em outubro ou novembro e o almoço de Natal, em dezembro.

Outro grupo, também criado em 2011, é a Associação de Estudantes Brasileiros na China. Ele surgiu por iniciativa própria do estudante Gaio Dória que decidiu organizar um encontro de estudantes, em abril daquele ano, num bar na região universitária e, dessa forma, criar um ambiente de ajuda, mais próximo da realidade deles. Isso porque, segundo ele, embora o Brapeq sempre os ajude nos eventos, a

⁶ Vale ressaltar aqui a importância da comida brasileira como forma de socialização e de recriação de sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” (Oliveira, 1999; Ribeiro, 1999; Rezende, 2009).

realidade dos que estão ligados àquele grupo é muito distante da dos estudantes, que se veem impedidos de trabalhar, pela legislação chinesa⁷ e tendem a viver com recursos financeiros mais reduzidos.

A associação, que conta apenas com uma página na rede social Facebook⁸ e utiliza lista de e-mails para a divulgação dos encontros semestrais, ainda não está institucionalizada. Na perspectiva do criador da associação, a dificuldade para formalizar o grupo se deve à falta de apoio do principal órgão do governo brasileiro, a Embaixada do Brasil em Pequim⁹, e à rotatividade dos integrantes, que são, em sua maioria, estudantes de mandarim e permanecem por apenas um ano em Pequim.

Os grupos até agora apresentados têm como objetivo ser uma espécie de rede de compartilhamento de experiências e de ajuda mútua¹⁰. Cada um a seu modo tenta cumprir esse propósito – o Brapeq tentando abarcar toda a comunidade brasileira e a associação dando ênfase aos estudantes – mas ambos se esforçam para formar essa rede, tendo como pressuposto o fato de que fazem parte dessa mesma “comunidade imaginada” e que, portanto, conseguirão ajudar-se mutuamente.

Ainda que essas associações também trabalhem para promover a divulgação da cultura brasileira na China – o Brapeq organiza eventos como o Festival de Cinema Brasileiro, em Pequim e em Xangai – alguns brasileiros, exclusivamente mulheres, realizam eventos de divulgação da cultura brasileira.

É o caso do Doc. Brazil Festival, criado pela brasileira Fernanda Ramone, em 2010. O festival, segundo a idealizadora do projeto, tem como principal objetivo divulgar a cultura brasileira, mas fugindo ao estereótipo¹¹ do país do samba e do Carnaval. O evento, dessa forma, busca mostrar as diferenças culturais entre brasileiros e chineses, mas também apontar as semelhanças presentes nessa diferença.

Além da organizadora do Doc. Brazil, outras duas mulheres, dessa vez duas chinesas que cresceram em São Paulo, Ligia Liu e Sarina Tang, fazem igualmente um trabalho de divulgação da cultura brasileira. A primeira está à frente do Clube do livro Brasil-China, uma biblioteca – montada no Restaurante Casa Brasil, localizado em frente à Embaixada do Brasil – que pretende ser um espaço de acesso à cultura brasileira, tanto por parte dos chineses, quanto por parte dos brasileiros que queiram matar as saudades do Brasil.

O Clube do livro realiza também palestras sobre questões relacionadas ao Brasil e aos intercâmbios entre Brasil e China. A segunda é uma historiadora, especialista em arte, que mora ao mesmo tempo em Nova Iorque, Pequim e em Lucca, na Itália. Embora o foco da historiadora seja arte contemporânea em geral, ela é responsável por trazer artistas brasileiros para expor em Pequim.

⁷ O visto concedido pelo governo chinês determina o tipo de atividade que pode ser desempenhada durante a estadia no país. Por essa razão, o visto de estudante não dá direito a exercer atividades remuneradas, embora nem sempre essa determinação seja cumprida.

⁸ Embora o Facebook seja bloqueado na China continental, a rede social ainda é a mais utilizada pelos estrangeiros que utilizam um VPN (da sigla em inglês Virtual Private Network) pago ou gratuito para conseguir driblar o bloqueio governamental.

⁹ Em janeiro de 2013, a Embaixada do Brasil em Pequim decidiu registrar todos os estudantes brasileiros na China, com o intuito de criar “um canal de comunicação efetivo” (Silveira, 2013)

¹⁰ A ideia de rede de compartilhamento e de ajuda assumida aqui se refere a uma forma de rede de sociabilidade que, como tal, tem como base a ajuda mútua calcada no fato de todos fazerem parte de uma mesma “comunidade imaginada” (Anderson, 1993). A sociabilidade é compreendida na perspectiva simmeliana, como “formas de sociação” que “são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal” (Simmel, 2006, p. 64).

¹¹ Este intuito de fugir aos estereótipos associados ao Brasil é uma preocupação também das brasileiras que organizam o Festival de Cinema Brasileiro do Brapeq e pela comunidade brasileira em geral, como iremos discutir aprofundadamente mais à frente.

Esses exemplos, como pudemos notar, servem para ilustrar o quanto a comunidade brasileira em Pequim, embora seja pequena do ponto de vista numérico, é bastante atuante, ou seja, trabalha para divulgar a cultura brasileira. O que chama ainda mais atenção nesta comunidade, contudo, é que, conforme vem se delineando até agora, há uma preocupação em formar uma identidade brasileira distinta da que se constitui em outros países, como veremos a seguir.

1.2 Chega de Samba¹²: estratégias de recriação da identidade brasileira

A identidade brasileira que vem sendo tecida em Pequim rompe com uma das principais características associada à brasilidade em outros países receptores: a dos brasileiros como festivos e alegres, o que chamaremos de cultura do Carnaval.

Um primeiro aspecto que endossa isso vem do fato de que os dois principais grupos relacionados à cultura brasileira não são conduzidos por brasileiros e contam com a participação de apenas uma brasileira – trata-se da mesma pessoa – nos dois grupos.

O primeiro grupo é de percussão brasileira, Templo do Samba, criado em São Francisco, em 2002, pelos norte-americanos Jimmy Biala e Leon Lee. O grupo, que nasceu com o nome de *SambAsia*, mudou-se para Pequim em 2006. Composto em sua maioria por chineses e demais asiáticos, o Templo do Samba – o nome assim, em português mesmo, foi adotado em 2011 – realiza apresentações na capital e em outras partes da China e também possui uma escola de percussão brasileira.

O grupo de percussão se manteve com uma presença inexpressiva de brasileiros, até este ano, quando a jornalista Társila assumiu os vocais, já que eles precisavam de alguém para cantar em português.

O que ocorre no Templo do Samba, também se reflete em outros exemplos, é como se a cultura brasileira existisse apartada do povo brasileiro. O samba assume uma identidade própria, sem que pra existir necessitasse da brasilidade. É o que podemos notar na matéria concedida pelos membros do grupo, para a versão online da CRI – a Rádio Internacional da China. No texto, há depoimentos de estrangeiros que reforçam isso: “Acho que o samba é uma atitude do ser humano, como positividade, paixão e amor. O grupo existe para trazer felicidade ao público”, escreveu um chinês integrante do grupo, ou ainda, “o samba existe no meu sangue”, como disse uma japonesa que também faz parte dele¹³.

Ainda que o grupo tenha participado do Carnaval de Salvador em 2008, junto com Olodum, e tenha convidado, em 2007, com o apoio da Embaixada do Brasil em Pequim, dois percussionistas brasileiros para ministrar um workshop intensivo de três semanas, ele existe praticamente sem a necessidade dos brasileiros. É claro que, em outros países o samba não fica restrito à associação com a cultura brasileira, mas a diferença é que, neles, há brasileiros que sobrevivem da renda obtida com o trabalho relacionado à cultura brasileira.

O cenário praticamente se repete no caso da Capoeira¹⁴ Mandinga Beijing, com exceção de que este grupo é vinculado ao Mestre Caveirinha, que tem escolas de capoeira espalhadas pelo mundo. No Mandinga, como já havia mencionado, há apenas uma brasileira participando das atividades, embora nele o vínculo com a “cultura brasileira” de maneira geral se mostre mais evidente.

No batizado de Capoeira que presenciamos em 2012, toda uma atmosfera ligada à cultura brasileira é construída. Mestres brasileiros, que não moram na China, são convidados para fazer o batismo. O evento era um churrasco, acompanhado de feijoada, farofa e brigadeiro de sobremesa.

¹² Tradução de “*Enough of Samba*”. Vide nota de número 15.

¹³ Neste trecho, ao que parece, há uma apropriação de um elemento cultural brasileiro por outras culturas.

¹⁴ A capoeira, assim como a feijoada e o samba, são elementos de origem africana que, como apontou – em dois momentos distintos – Fry (1982/2005) se tornam representantes da cultura brasileira. Em várias pesquisas sobre migração brasileira em vários países receptores, esses três elementos aparecem como principais representantes da cultura brasileira – tanto pelos brasileiros, quanto pelos nativos desses países.

A presença brasileira, contudo, era bem pequena. A grande maioria dos que ali estavam era demais estrangeiros e alguns chineses, que haviam pagado para assistir ao batizado e comer comida brasileira. É algo bem distinto do que ocorre nos Estados Unidos, por exemplo, em que os artistas brasileiros que moram naquele país são os responsáveis pela difusão da cultura brasileira (Ribeiro, 1999).

Os artistas brasileiros como divulgadores da cultura brasileira é algo que não ocorre em Pequim, onde, aliás, há apenas um brasileiro que trabalha como músico e vive exclusivamente disso. Ele vai galgando o seu espaço e tentando conquistar o gosto dos chineses, que, segundo ele, “só conhecem salsa e música americana”.

Outras duas brasileiras também se aventuram no campo da música brasileira. Mas o caso delas é bem diferente, ambas são jornalistas e fazem um trabalho de DJ “entre brincadeira e hobby”, como descreveu uma delas, já que nunca haviam trabalhado com música antes. O curioso é que o projeto que elas desenvolvem, chamado de “*Enough of Samba*”¹⁵, ilustra bem a ideia que estamos defendendo até o momento, a de que há um movimento de recriação da identidade brasileira, por parte, sobretudo, das mulheres, passando pela ruptura com os estereótipos que vigoram sobre o Brasil. Isso fica claro na explicação de uma delas sobre o que é o grupo: “A ideia é mostrar um Brasil, bastante criativo musicalmente, mas para bem além do samba ou da bossa nova, que é como o público estrangeiro nos identifica num primeiro momento. Então a ideia é surpreender com outros ritmos”.

Esse fenômeno de não serem os músicos e artistas brasileiros os principais divulgadores da cultura brasileira é algo que diverge bastante da realidade de outros países. Torresan (1994), por exemplo, aponta, em sua pesquisa sobre imigrantes brasileiros em Londres, como eles estão relacionados a trabalhos em boate, como professores de samba e lambada, mestres de capoeira, ou como integrantes de grupos musicais.

Outro aspecto que também se afasta dessa perspectiva presente em países como os Estados Unidos é a força dada ao São João e ao Carnaval. Ribeiro (1999), no seu estudo sobre a identidade brasileira em São Francisco, faz uma divisão em “pequenos cenários” e “grandes cenários” para classificar os eventos relacionados à comunidade brasileira. Nos pequenos cenários, está o São João, festa que, de acordo com ele, não apresenta uma periodicidade definida.

Dentre os que denominamos de “pequenos cenários”, as festas de São João são, provavelmente, os menos estáveis e frequentes. Em finais da década de 80, uma festa de São João foi organizada por brasileiros de uma ONG (Organização Não-Governamental) ambientalista norte-americana para levantar fundos para uma campanha em benefício de lideranças do movimento indígena organizado no Brasil (Ribeiro, 1999, p. 52).

Enquanto as festas juninas apresentam uma expressividade pequena na comunidade brasileira em São Francisco, o Carnaval é, segundo o próprio Ribeiro (1999), o evento que mais chama a atenção para a cultura brasileira, embora seja, também, um momento de celebração da cultura latina em geral.

Entre os brasileiros em Pequim, contudo, o quadro se reverte. O Carnaval, simplesmente, sequer faz parte do calendário do Brapeq. O São João, por sua vez, tem data marcada nas festividades do grupo. Uma das integrantes da Brapeq, casada com um estrangeiro, disse que a inclusão do São João no calendário se devia ao caráter mais familiar da festa. E ela, enquanto mãe, queria mostrar para os seus filhos, todos nascidos na China, a verdadeira cultura brasileira, vez que, na opinião dela, o Carnaval não é uma festa tipicamente brasileira, “tem Carnaval”¹⁶ em Veneza também, “você sabia?”, respondeu ela.

¹⁵ Algo como “Chega de samba”.

¹⁶ É claro que o que estamos discutindo aqui não é representatividade do carnaval como elemento da cultura brasileira, vez que o fato de ele existir em outros países, em especial na Europa – aliás a própria “origem” europeia da festa foi apontada por Bakhtin (1999) ao estudar a cultura popular na Idade Média – não exclui a identificação com a brasilidade, na forma

O que transparece nessa afirmação dessa brasileira é, em primeiro lugar, o quanto há por parte dessas mulheres a tentativa de formar uma imagem ou criar uma identidade brasileira longe, ou pelo menos não restrita, ao estereótipo do Carnaval, do samba e da sensualidade vinculada a ambos. Algo que também ecoou na fala de outra brasileira, bem mais jovem, ao criticar a divulgação governamental do Brasil numa das grandes feiras de importação realizadas na China. “Custava ter colocado um shortinho nas moças?”, disse ela, se referindo às mulatas de fio dental que dançavam samba.

O grande evento da comunidade brasileira acaba nem sendo o Carnaval, que sequer existe, nem o São João, mas o Festival de Cinema Brasileiro. O festival, cuja terceira edição foi realizada em 2012, é um evento que dura, em média uma semana, durante o qual são exibidos filmes nacionais, a maioria fora do circuito comercial brasileiro.

Durante o evento, diretores, produtores e até músicos brasileiros vêm a Pequim para participar dele. O Festival da Brapeq segue o mesmo modelo dos demais festivais, mas há apenas uma categoria, a de melhor filme, concedida pelo júri popular e pelo júri especializado, formado por atores, atrizes ou diretores chineses.

O que chama a atenção no festival é justamente a preocupação das organizadoras em não ficar restritas a alguns estereótipos associados ao Brasil. Isso, aliás, transparece na citação de uma delas, que aparece no texto “Buscando seu espaço na China”, publicada no dia 23 de outubro de 2011, no caderno 2 do jornal O Estado de S. Paulo: “Tentei fugir da hegemonia do filme favela, o objetivo é misturar gêneros e mostrar a nossa cultura”, disse Anamaria Boschi, curadora das três edições do festival.”

A forma como essas brasileiras vêm construindo a identidade, ou melhor, as identidades brasileiras, endossa, mais uma vez, as palavras de Hall (2005, p. 12) que concebe a identidade como “uma celebração móvel”, constantemente reconstruída segundo cada contexto.

No primeiro momento em que se impôs essa percepção de que a identidade brasileira que está sendo delineada em Pequim se distancia do vínculo com o Carnaval e com a sensualidade atribuída às brasileiras, veio a lembrança de que na China Continental pornografia é crime e que esta rubrica, para o estado chinês, inclui a seminudez que as mulatas exibem.

Isso, porém, foi modificado quando observamos as estratégias utilizadas, por exemplo, pelo pessoal do Festival de Cinema para driblar a censura. Um fato, ocorrido na edição de 2011, ilustra bem isso. O filme *Dzi Croquettes* – sobre um grupo musical brasileiro, da década de 60 do século XX, exclusivamente formado por homens que se travestiam de mulher, mas mantendo os pelos, o que causou uma ruptura na concepção de gênero no Brasil – dirigido por Tatiana Issa, filha de um dos integrantes da trupe, evidentemente não foi aprovado pelo órgão censor do governo chinês e, portanto, impedido de fazer parte do festival.

A censura não impossibilitou o filme de fazer parte do festival, visto que ele foi exibido, numa espécie de mostra paralela ao evento, na Embaixada da Itália em Pequim e no Instituto Cervantes da capital chinesa, territórios, portanto, neutros. Para o governo chinês, o filme não fez parte do Festival, todos, porém, sabiam que se tratava de uma estratégia para driblar a decisão do partido comunista chinês.

É claro que isso não exclui a influência do governo chinês no modo como essa identidade brasileira está sendo construída, mas, os aspectos que até então foram aqui apresentados dão indício de que há, por parte dessas mulheres, uma vontade de fugir a esses estereótipos, e erguer a bandeira de uma identidade múltipla e diversa.

Essa aproximação com a identidade brasileira, no sentido de tentar refutar estereótipos e reconstruir outra forma de identificação com o Brasil, não é unanimidade entre as brasileiras. Uma de nossas entrevistadas passou justamente por um processo de reconstrução negativa da identidade brasileira, que para ela representa tudo que ela não quer ser: “dependente, provinciana e medrosa”.

como a festa assumiu em terras brasileiras. O que nos importa, nesta pesquisa, e que já estamos sinalizando, é compreender o porquê de essas brasileiras quererem dissociar a imagem do carnaval da identidade brasileira.

A identidade brasileira se transforma, assim, numa espécie de alter ego que ela busca negar dentro dela mesma, porque essa outra identidade não corresponde à identidade pós-migratória, de autonomia, que ela vem construindo para si mesma. Com isso, queremos dizer que vamos encontrar muitas diferenças, nos processos de construção e reconstrução da identidade brasileira, que implicam distinções nas motivações migratórias, bem como nas faixas etárias, no grau de instrução e, conseqüentemente, no estilo de vida.

Apesar das distinções com as quais já estamos nos deparando, dois aspectos se mostram significativos e aparecem, aqui e ali, na narrativa das entrevistadas: 1) A mudança provocada pelo processo migratório, tanto no sentido individual – na busca por autonomia profissional e emocional –, quanto no sentido coletivo, de constituição de uma identidade brasileira pensada em contraste com a cultura chinesa; e 2) A reafirmação da importância da “comunidade imaginada” chamada Brasil, com os conflitos e diferenças inerentes a ela, para a vida dessas brasileiras em Pequim, seja sobre a forma de um modelo a ser seguido, ou de um modelo a ser rechaçado.

Por último, não podemos deixar de destacar que esse processo de reconstrução da identidade brasileira também deve ser pensado dentro do contexto macro das atuais transformações econômicas e sociais do Brasil, que vem implicando também numa mudança do perfil dos migrantes brasileiros e, possivelmente, redundará numa mudança das identidades brasileiras.

2. Bibliografia

- Algranti, L. M. (1997). *Famílias e vida doméstica. História da vida privada no Brasil. (Vol. 1)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Anderson, B. (1993). *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Arango, J. (2000). Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. *Las migraciones internacionales 2000. Revista Internacional de Ciencias Sociales*. (165) p. 33-46.
- Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.
- Bakhtin, M. (1999). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/ UnB.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Bianco, J. F; Husse, D. Entre a saudade da terra e a América. Memória cultural, trajetórias de vida e (re) construções de identidade feminina na intersecção de culturas. *Estudos Feministas*. (1995) p. 96-121.
- Borja, J.; Castells, M. (2002). *A cidade multicultural*. Acesso em 12 de agosto de 2011. Do site: http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=41&infolid=84&sid=21&tpl=printerview.
- Bourdieu, P. (1998). “Prefacio - Um analista do inconsciente”, In: Sayad, A., A imigração ou os paradoxos da Alteridade. São Paulo, Edusp, p. 9-12.
- Bourdieu, P. (2005). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brandão, A. N. (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de pesquisa sociológica*. Acesso em 26 de fevereiro de 2013 . Do site [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520\(2\).pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9630/3/Entre%2520a%2520Vida%2520Vivida%2520(2).pdf)

- Caldeira, T. P. R. (2000). *Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp – Editora da Universidade de São Paulo.
- Canclini, N. G. (2008). *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo, E. Paz e Terra.
- Castells, M. (1999). *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra.
- Castles, S. (2000) Migración internacional a comienzos del siglo XXI: tendencias y problemas. Las migraciones internacionales 2000. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*. (165) p. 17-32.
- Censo Demográfico 2010. *Características da População e dos Domicílios*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Certau, M. (1996). *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis, Vozes.
- Chaves, M. F. G. (2004) Migração feminina: familiar ou autônoma? Observações sobre as mulheres que migram solteiras e separadas. *XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil*, de 20- 24.
- China declara guerra ao cuspe em público*. BBC Brasil 30 de maio de 2003. Acesso em: 27 de abril de 2012. Do site http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2003/030530_pequim.shtml
- Dabat, C. R. (2006). *Mulheres no movimento revolucionário chinês (1830-1949)*. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco.
- Duarte, A. *Vizinhos (e culturas) em conflito*. (Imprensa). Diário de Pernambuco. Recife, Caderno Aurora, p. 10.
- Duarte, E. T. (2012). El asociacionismo brasileño en España en perspectiva histórica. *XVII Seminario Apec, Barcelona*, p. 527-545.
- Durkheim, E. (2000) *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador (vol. I): uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Featherstone, M. (1997). *Cultura de consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel.
- Freyre, G. (1981). *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Fry, P. (1982). Feijoada e *Soul Food*: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. *Para inglês ver: identidade e política cultural brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fry, P. (2005). “Feijoada e *Soul Food*” 25 anos depois. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. LTC: Rio de Janeiro.
- Giddens, A. (1995). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Godoy, A. S. M. (2007). *Introdução ao Direito Constitucional Chinês. Jus navigandi*. Acesso em 31 Janeiro 2013. Do site: <http://jus.com.br/revista/texto/10526/introducao-ao-direito-constitucional-chines>
- Haesbaert, R. (1994). *China: entre o Oriente e o Ocidente*. São Paulo: editora Ática.
- Haguette, T. M. F. (1992). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hareven, T. K. (1999). Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. *Cadernos Pagu*. Acesso em 27 de fevereiro de 2013. Do site: <http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/n13a02.pdf>
- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jolé, M. (2005). Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. *Caderno CRH*, Salvador (45), p. 423-429.

- Lanna, M. (2000). Notas sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, p. 173-194. Acesso em 27 de fevereiro de 2013. Do site: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>
- Lei de Nacionalidade da República Popular da China*. Acesso em 25 de fevereiro de 2013. Do site: <http://bo.io.gov.mo/bo/i/1999/01/leinac403.asp>
- Machado, I. J. R. (2008). Sobre os processos de exotização na imigração internacional brasileira. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, p. 699-733.
- Machado, R. P. (2009). *Made in China. Produção e circulação de mercadoria no circuito China-Paraguai-Brasil*. 2009. 332 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Margolis, M. (1994). *Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York*, Campinas, Papirus.
- Martes, A. C. B. (1999). Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts. Em Reis, R. R.; Sales, Teresa (Eds.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editorial Boitempo, 1999. P. 87-122.
- Mauss, M. (1974). *As técnicas corporais*. Em Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU.
- Mauss, M. (1974). *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. Em: Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp.
- Menezes, L. M. (1992). *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional.
- Menezes, L. (2004). Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanaque Laemmert. *Revista do IHGB*, p. 11-31.
- Mulheres e migrações. 36º Congresso de Migrações. Lisboa, abril, 2007.
- Netto, A. P. M; Guarini, C. G; Shen, L. (2012). *Brasileiros na China. Os desafios da adaptação cultural dos profissionais nas empresas. Monografia não publicada*. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo.
- Oliveira, A. C. (1999). *Repensando a identidade dentro da imigração de kassegui*. Em Reis, R. R.; Sales, T. (Eds.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editorial Boitempo, p. 275-307
- Oliveira, R. C. (2000) Os (des) caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. p. 7-21.
- Parella, S. (2000). El trasvase de desigualdades de clase y etnia entre nujeres: los servicios de proximidad. *Revista Papers*, Barcelona, (60) p. 275-289.
- Patarra, N. (1996). Migrações internacionais. *Herança XX, Agenda XXI*. São Paulo, FNUAP.
- Pellegrino, A. (2000) Las tendencias de la migración internacional en América Latina y el Caribe. Las migraciones internacionales 2000. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*. (165), p. 148-162.
- Pena, M. V. J. (1981). *Mulheres e trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Pesavento, S. J. (1995). Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro.
- Porto, A. C. C; Silva, L. M. F; Wanderley, M. M. (2011). Da cidade moderna às pós-moderna: uma análise da construção de imaginários sobre a cidade nas canções “Sampa” e “A cidade”. *Anais do Second International Conference of Young Urban Researchers, Lisboa*. Acesso em 25 de março de 2013. Do site : <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/216/96>
- Priore, M. (1997). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. .
- Raizel, D. R. (2008). A imigração feminina e os efeitos na divisão sexual do trabalho. *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis*, p. 1-5
- Rezende, C. B. (2009). *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- Ribeiro, G. L. (1999). O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco. Em: Reis, R. R.; Sales, T. (Eds.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Editorial Boitempo, p.45-85.

Ripoll, E. M. (2008) *De Brasil a España: un estudio sobre la migración desde una perspectiva integrada de los lugares de origen y destino. Disertación doctoral no publicada.* Universidad de Alicante, Alicante.

Sabourin, E. (2008). Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* p. 131-208.

Sales, T. (1991). Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Revista Brasileira de Estudos de População.* Campinas, p. 21-32.

Sales, T; Reis, R. R. (1999). *Cenas do Brasil Migrante.* São Paulo: Boitempo Editorial.

Sasaki, E. M. (1999). Movimento de kassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. Em: Reis, R. R.; Sales, T. (Eds.). *Cenas do Brasil migrante.* São Paulo: Editorial Boitempo, p. 243-274.

Sassen, S. (1998). *Globalization and Its Discontents: Essays on the New Mobility of People and Money,* New York, The New Press.

Sayad, A. (1998). *A imigração ou os paradoxos da Alteridade.* São Paulo, Edusp.

Schilling, V. (1984). *A revolução na China: colonialismo, maoísmo, revisionismo.* Porto Alegre: Mercado Aberto.

Sheng, S. A (2012). *A história da China Popular no Século XX.* Rio de Janeiro: Editora FGV.

Shütz, A. (2010). O estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social. *Revista Espaço Acadêmico.* (113).

Silva, M. A. (2008). *Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco.* 189 f. 2008. *Dissertação de Mestrado não publicada.* Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Silva, L. M. F. (2012) *Fazendo a diferença: as dinâmicas da conjugalidade sorodiscordante para o HIV/Aids. Tese de Doutorado não publicada.* Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Silva, R. (2012) Gaúcho vira herói ao impedir assalto na China. *Zero Hora.* Acesso em: 3 de junho de 2012. Do site: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/mundo/noticia/2012/05/gaучo-vira-heroi-ao-impedir-assalto-na-china-3751832.html/>

Silveira, J. C. (2012). *Embaixada quer registro de estudantes na China.* Radar China. Acesso em: 31 de janeiro de 2013. Do site: <http://www.radarchina.com/2013/01/embaixada-quer-registro-de-estudantes-na-china/>

Solicitação de Visto. Embaixada da República Popular da China no Brasil. Acesso em: 31 de janeiro de 2013. Do site: <http://br.china-embassy.org/por/lqfw/t771924.htm>

Simmel, G. (1983). *O estrangeiro,* Em: Moraes Filho, E. (Ed.), Simmel, São Paulo, Ática.

Simmel, G. (1998). *A aventura.* Em Souza, J.; Berthold, Ö. (Eds.); tradução de Jessé Souza. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 171-187.

Souza, J. (1998). *Simmel e a modernidade.* Souza, J.; Berthold, Ö. (Eds.); tradução de Jessé Souza. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Torresan, A. (1994). *Quem parte, quem fica: uma etnografia sobre imigrantes brasileiros em Londres.* *Dissertação de Mestrado.* Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TREVISAN, C. (Na imprensa). Buscando seu espaço na China. *O Estado de S. Paulo.* São Paulo, p. D7, 23. out. 2011.

Único grupo de percussão de samba na China celebrará 6º aniversário. (2012). CRI On line. Acesso em 18 de janeiro de 2013. Do site: <http://portuguese.cri.cn/561/2012/05/11/1s150945.htm>

Vandenbergh, F. (2005). *As sociologias de Georg Simmel.* Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUPFA.